

24. 10. 2025

T.C.

Concordo, PROpondo a ABERTURA DE
____/____/____ PROCEDIMENTO DE CLASSIFICAÇÃO
COMO BEM MÓVEL DE INTERESSE

Concordo c/o parecer. NACIONAL DA PINTURA
QUINHENTISTA "FONS

À consideração superior, VITAE", DA SCHA

____/____/____ Elisabeth Pinho
23-10-2025

Elisabeth Pinho
Diretora de Coleções
MMP, E.P.E.

Detenho a abertura
do procedimento de
classificação de bem
móvel de interesse nacional.
Alexandre Nobre Pais
Presidente do Conselho de Administração
MMP, E.P.E.
Carla da Silva

INFORMAÇÃO n.º 941/COLEÇÕES/2025

data: 23/10/2025

processo n.º: H07(2025)

assunto: Proposta de classificação da pintura *Fons Vitae*, atribuída a Coljin de Coter, por iniciativa do Museu e Igreja da Misericórdia do Porto (Santa Casa da Misericórdia do Porto).

1. ENQUADRAMENTO LEGAL

1.1. – Lei de Bases do Património Cultural (Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro), que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, designadamente no disposto no artigo 17.º, referente aos critérios genéricos de apreciação para a classificação ou a inventariação dos bens culturais móveis.

1.2. – Decreto-Lei n.º 148/2015, de 4 de agosto, que estabelece o regime da classificação e da inventariação dos bens móveis de interesse cultural.

2. ANTECEDENTES

Com entrada na Museus e Monumentos E.P.E., n.º E00055-202510, de 02-10-2025, a entidade Museu e Igreja da Misericórdia do Porto (Irmandade da Santa Casa da Misericórdia do Porto) veio apresentar a esta Empresa o Requerimento Inicial do procedimento de classificação de bem móvel em apreço.

3. BEM PROPOSTO PARA CLASSIFICAÇÃO

3.1. IDENTIFICAÇÃO

Título	<i>Fons Vitae</i> (imagem n.º 1)
Outras denominações	<i>Fons Misericordiae, Fons Pietatis, Fonte da Vida</i>
Autoria	Coljin de Coter (1440-1445 – c. 1522-1532) [atribuído a]
Datação	Século XVI, primeiro quartel
Assinatura	Não assinado
Localização	Museu da Misericórdia do Porto
Material	Preparação com carbonato de cálcio; pigmentos e verniz
Técnica	Óleo sobre madeira de carvalho
Medidas	267 x 210 cm

3.2. PROPRIETÁRIO

O bem cultural em apreço é propriedade da Santa Casa da Misericórdia do Porto, com sede na Rua das Flores, n.º 15, 4050-265 Porto.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

CULTURA, JUVENTUDE
E DESPORTO

MUSEUS
E MONUMENTOS
DE PORTUGAL



Imagem n.º 1

4. CARATERIZAÇÃO GERAL

4.1. DESCRIÇÃO

A pintura *Fons Vitae* é uma obra de grande valor artístico e histórico, cuja origem e percurso estão envoltos em mistério devido à ausência de documentação conclusiva da época, e que gerou, ao longo do tempo, um vasto debate sobre a sua autoria, datação, proveniência e iconografia.

A sua história só começa a ser verdadeiramente traçada a partir do século XIX, mas a sua génese remonta ao auge do reinado de D. Manuel I (1495-1521), um período marcado pela expansão marítima e por intensas trocas comerciais e culturais com a Flandres.

A pintura figura Jesus Cristo crucificado, já morto, com o lado direito ferido pela lança do soldado, apresentando-O como a Fonte redentora dos pecados da humanidade, que dá nome à pintura: *Fonte da Vida*. De facto, Ele mesmo afirmara: «quem beber do Meu sangue terá a vida eterna» (*Ioh.*, 6, 54). Representando literalmente esta alusão eucarística, mediante uma iconografia invulgar, o pintor faz com que o precioso sangue do «Cordeiro de Deus» imolado seja recolhido numa taça de enormes proporções no bordo exterior da qual é possível ler as inscrições latinas: *Fons Misericordie*, *Fons Vite*, *Fons Pietatis*.

A composição assenta numa rigorosa simetria tendo como eixo central a cruz que emerge do centro da taça. Cristo é ladeado pela sua Mãe e pelo apóstolo São João, presentes no Calvário no momento da sua morte. Ambos expressam dor e comoção pelo fim trágico do Filho de Deus. O drama do acontecimento é reforçado pelas tonalidades sombrias das nuvens que, de acordo com o texto bíblico, no momento da morte de Cristo, «envolveram de trevas toda a terra» (*Mt.*, 27, 45).

Na paisagem longínqua, tratada de forma miniatural, à maneira flamenga, vislumbra-se a cidade de Jerusalém, palco dos acontecimentos daquela memorável Sexta-feira Santa.

Em redor da Fonte da Vida, de joelhos, em atitude de contemplação e adoração, dispõem-se, em círculo, mais de trinta personagens que os historiadores têm vindo a identificar. Assim estão presentes, no primeiro plano, o monarca D. Manuel I e sua segunda mulher, D. Maria, filha dos Reis Católicos, ladeados pelas princesas, no lado direito da rainha, enquanto do lado esquerdo de D. Manuel, se encontram os seis infantes masculinos. Seguem-se, de ambos os lados, uma série de personagens religiosas e laicas que têm originado alguns ensaios de interpretações e identificações.

A obra insere-se na tradição artística flamenga do início do século XVI. Esta filiação é evidente no realismo, onde o pintor demonstra um virtuosismo técnico excecional, visível no tratamento minucioso das peles, dos tecidos brocados, das joias e dos grotescos que decoram a fonte. A paisagem de fundo, com as suas montanhas, campos lavrados e arquiteturas de linguagem flamenga, é executada com a mesma atenção ao detalhe. As figuras do plano de fundo são representadas com um realismo que sugere se tratarem de retratos individuais.

Uma abordagem característica da pintura flamenga é a criação de diferentes planos espaciais através da variação de escala entre as figuras. Apesar do dramatismo da cena, a disposição das figuras orantes, especialmente as da família real, confere à composição um caráter estático e solene, cujos rostos sérios, são tratados com pouco naturalismo, reforçando a solenidade do momento.

A pintura *Fons Vitae* é uma obra de grande complexidade, marcada por uma composição profundamente simbólica e meticulosamente organizada que divide a cena em dois planos distintos: o celeste e o terrestre. A sua estrutura geral é dominada pelas representações de uma tríade sagrada, no plano superior, e da família real portuguesa, no plano inferior. O eixo vertical, definido pela Cruz de Cristo (em tau), surge alinhado com a figura proeminente do rei D. Manuel I que, com os seus braços abertos em louvor, se posiciona no centro do plano terrestre. A pia funciona como o elemento organizador principal, um fulcro que, à maneira de *axis mundi*, dita o posicionamento de todas as personagens, colocados ora à sua frente, ora atrás ou, ainda, sobre os seus pedestais.

O ambiente encontra-se impregnado por um forte sentimento dramático, intensificado pelo uso cenográfico da paleta. O vermelho do sangue de Cristo – que enche a fonte – e das vestes de São João Evangelista cria um poderoso impacto visual e simbólico, equilibrado pelos tons mais escuros da paisagem e da indumentária régia. O céu, carregado de nuvens escuras, prenuncia uma tempestade, reforçando a atmosfera trágica da cena.

4.2. MATERIAL

Preparação com carbonato de cálcio; pigmentos e verniz

4.3. TÉCNICAS UTILIZADAS

Óleo sobre madeira de carvalho.

4.4. PRINCIPAIS CARATERÍSTICAS TÉCNICAS

Painel com formato retangular vertical, constituída por oito tábuas de madeira de carvalho dispostas verticalmente e assembladas paralelamente por junta viva, onde foi aplicado, certamente, algum adesivo de madeira. Em cada uma das 7 uniões entre as tábuas, existem entre 3 a 7 cavilhas, ocultas na espessura do suporte, cujas dimensões variam entre os 6 e 7 cm. As larguras das tábuas variam entre 20 e 28,8 cm.

A pintura foi executada a óleo, utilizando velaturas e camadas finas que permitem a transparência e a criação de efeitos de luz e profundidade. Cabe assinalar que a construção dos estratos cromáticos segue estritamente os padrões da pintura flamenga do século XVI.

4.5. MARCAS, INSCRIÇÕES E LEGENDAS

Não apresenta assinatura, nem marca de oficina.

Na taça circular estão pintadas, em caracteres dourados, estas inscrições: ¹«FONS MISERICORDIAE» / ²«FONS VITE» / ³«FONS PIETATIS».

O manto azul da Virgem tem debruado, igualmente em caracteres pintados a dourado: «Stabat Mater... Benedicta... Vnigeniti Filii Tui... Domini... Mater Dolorosa Juxta Crucem... lacri... dum pendabat... Ó Maria... ó Piissima».

4.6. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Bom.

4.7. INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Intervenção realizada pelo Instituto José de Figueiredo, em Lisboa, em 1983-1987.

5. CARATERIZAÇÃO HISTÓRICA

5.1. HISTORIAL

A história da pintura em apreço começou a ser traçada no século XIX, quando o seu valor artístico foi finalmente reconhecido. Até então, a obra encontrava-se na sacristia da igreja privativa da Misericórdia do Porto, datando de 1824 a referência documental mais antiga ao painel. Nesse ano, um inventário descreve-o como «hum dito com a Fonte da Vida, da Misericórdia, da Piedade», confirmando a sua posse pela Santa Casa da Misericórdia.

O conde Atanazy Raczyński, diplomata da Prússia em Lisboa e pioneiro da História da Arte teve papel central na «descoberta» da obra, por ocasião de uma visita à Misericórdia do Porto, em 1844. Maravilhado com a pintura, expressou toda a sua admiração numa célebre frase, amiúde citada: «C'est en fait de tableaux gothiques, une des plus belles choses que j'ai rencontrées en Portugal». O estudioso atribuiu-a a Hans Holbein, o Velho, e datou-a do início do século XVI.

Impressionados com este parecer, os mesários da Misericórdia transferiram a obra para a casa do despacho e mandaram «restaurá-la». Este «restauro», o primeiro conhecido, foi levado a cabo por Domingos Pereira de Carvalho, no ano de 1845. A partir deste momento, a pintura *Fons Vitae* passou a ser muito conhecida e, inclusivamente, tornou-se um tema controverso e mediático, gerando um debate internacional sobre a sua autoria.

Ao longo das décadas seguintes, vários especialistas propuseram diferentes atribuições. John Charles Robinson, em 1865, atribuiu-a inicialmente à antiga escola gótica portuguesa. Em 1891, preocupado com a segurança da pintura devido à Revolta de 31 de Janeiro, intercedeu a favor de um novo restauro, que viria a ser realizado por Manuel António de Moura, ainda nesse mesmo ano. Oswald Crawford, por seu turno, sugeriu o nome de Rogier van der Weyden, mas reconsiderou ao reconhecer D. Manuel I na pintura, mantendo, no entanto, a atribuição à escola flamenga. Em 1897, Émil Pacully realizou um estudo mais aprofundado, propondo a «Veneração do Santo Sangue» como tema central e atribuindo a autoria a Gérard David, com possível participação de Bernaert van Orley. Nos anos seguintes, a obra foi imputada a outros nomes, como Quentin Metsys, por Joaquim de Vasconcelos, e novamente a Van Orley por Carl Justi. Foi José de Figueiredo, apoiado no parecer de Max Friedlander, quem primeiro sugeriu

Colijn de Coter como possível autor, atribuição que mais tarde seria corroborada por Luís Reis-Santos e que se tornou a mais consensual, apesar de ainda hoje gerar debate, nomeadamente por causa da dificuldade em estabelecer uma associação muito explícita com os círculos artísticos de Antuérpia e Bruxelas, onde Coter teve o epicentro da actividade da sua prolífica oficina.

Apesar da posse pela SCMP ser clara a partir do século XIX, a sua proveniência anterior levanta algumas questões. A Misericórdia do Porto foi fundada em 1499 por recomendação de D. Manuel I, instalando-se numa capela do claustro velho da Sé da cidade. Para esta capela foi encomendado um retábulo, possivelmente um tríptico, referido, num inventário de 1619, como «hum Retaballo grande cõ suas portas». A pintura *Fons Vitae* poderia ser o painel central deste retábulo. Quando a Misericórdia se mudou para a sua nova sede na Rua das Flores, pouco antes de 1550, terá levado tal retábulo consigo, o que gerou uma disputa com o bispo D. Frei Baltasar Limpo, o qual, em 1550 reclamou a obra, como pertença da Mitra, sinal do grande apreço que já era naturalmente tida.

Ao longo da sua história, a pintura tornou-se objeto de várias intervenções de conservação. Além dos restauros de 1845 e 1891, destaca-se uma intervenção profunda e documentada, realizada entre 1983 e 1987 pelo Instituto José de Figueiredo, que envolveu a fixação da camada cromática, a remoção parcial de vernizes oxidados e a substituição do sistema de reforço estrutural do suporte.

Em 2015, a SCMP fundou o respetivo Museu, com a presença da pintura *Fons Vitae* no culminar do percurso museológico, em plena Sala 7, corresponde a um espaço nobre: a antiga Casa do Despacho.

5.2. Procedência e aquisição

Regina Andrade Pereira e José Ferrão Afonso, no estudo o mais completo que existe até à data sobre a pintura, publicado em 2015 pela Santa Casa da Misericórdia do Porto, defendem ela terá sido encomendada entre 1515 e 1517 e finalmente instalada na igreja da Misericórdia, na Rua das Flores, em 1520.

Poderá ter integrado um tríptico encomendado para o retábulo-mor da primeira capela da Misericórdia do Porto, localizada no claustro da Sé. A encomenda haverá partido de um círculo de notáveis deveras cultos, próximos do rei D. Manuel I, possivelmente com a intervenção de figuras como João Rodrigues

de Sá de Meneses e D. Manuel de Noronha, que tinham ligações à corte, à Misericórdia e, ainda, ao comércio com a Flandres.

5.3. EXPOSIÇÕES EM QUE FIGUROU

1983 –XVII.^a Exposição de Arte Ciência e Cultura do Conselho da Europa, Lisboa;

2000 – Cristo, Fonte de Esperança, Porto.

6. PROTEÇÕES LEGAIS

O «Edifício e Igreja da Santa Casa da Misericórdia do Porto», sito na cidade do Porto, União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória, foi classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 129/77, publicado no DR, 1.^a série, n.º 226, de 29 de setembro de 1977, mas este documento não aludiu ao acervo dos referidos imóveis.

7. FUNDAMENTAÇÃO DO REQUERIMENTO

A instituição requerente fundamentou o pedido de classificação do bem de que é proprietário nos seguintes argumentos:

1 - A pintura quinhentista *Fons Vitae*, datada de cerca de 1515-1517, constitui uma obra de excecional valor e significado para a história e a arte portuguesas. Pertencente à Santa Casa da Misericórdia do Porto, trata-se de uma pintura a óleo sobre madeira de carvalho que se afirma como uma das mais notáveis do património artístico nacional, não apenas pela sua qualidade estética e técnica inquestionáveis, mas também pela sua complexidade histórica, iconográfica e material, que a transformam num objeto de estudo contínuo e de interesse internacional. A sua classificação como Tesouro Nacional é, por isso, essencial para reconhecer e salvaguardar formalmente o seu carácter único e insubstituível.

2- O *Fons Vitae* é um testemunho singular do auge do reinado de D. Manuel I, momento decisivo da história portuguesa. A obra apresenta um retrato notável e detalhado da família real, incluindo o rei, a rainha D. Maria de Aragão e Castela e os seus oito filhos, cujas fisionomias se aproximam das esculturas de Nicolau Chanterene, no mosteiro dos Jerónimos, funcionando como um documento visual de elevado valor histórico. Para além disso, a pintura reflete a ideologia político-religiosa de D. Manuel I, onde o posicionamento central do monarca, alinhado com Cristo, e a confluência de temas ligados à espiritualidade e à conceção messiânica do poder régio, conferem à obra um significado simbólico profundo. A sua ligação à cidade do Porto e à Santa Casa da Misericórdia é igualmente inequívoca, uma vez que foi concebida para o altar-mor da primeira capela da instituição, fundada em 1499, evidenciando a ligação entre a cidade, o comércio com a Flandres e a espiritualidade local.

3 - Do ponto de vista artístico e estético, a pintura representa um dos pontos mais altos da importação de pintura flamenga para Portugal no século XVI. A monumentalidade da composição, a complexidade iconográfica e o virtuosismo técnico são elementos que a elevam a um patamar de excelência. A minúcia na representação dos tecidos, das jóias e das carnações, associada ao domínio da técnica do óleo e à riqueza cromática, atestam a mão de um grande mestre flamengo, hoje maioritariamente identificado com Colijn de Coter. A fusão do tema teológico do *Fons Pietatis* com a iconografia régia portuguesa confere-lhe uma riqueza interpretativa singular, ao mesmo tempo que a converte num objeto de estudo inesgotável. O fascínio que exerceu desde o século XIX, sendo atribuída a mestres como Holbein ou Gérard David, demonstra a sua relevância para a história da arte europeia.

4 - Em termos materiais e tecnológicos, o *Fons Vitae* constitui igualmente um documento científico de enorme relevância. O suporte, formado por oito tábuas de carvalho unidas por cavilhas transversais, é um testemunho claro das práticas flamengas do século XVI. A análise material revelou uma particularidade notável: a presença de sulfato de cálcio e branco de chumbo na camada de preparação, contrariando a norma dos centros nórdicos, onde predominava o carbonato de cálcio. Esta descoberta, de grande interesse arqueométrico, abre novas perspetivas de estudo sobre os circuitos artísticos e técnicos da época. A reflectografia de infravermelhos evidenciou ainda um desenho subjacente complexo, executado a seco e a húmido, com alterações e adições posteriores, como o retrato tardio do infante D. Duarte ou o chapéu cardinalício do infante D. Afonso, testemunhando o processo criativo e a adaptação da obra a eventos históricos.

5 - Por fim, a pintura transcende os limites da arte para se afirmar como um objeto de relevância cultural e identitária. A sua raridade, a monumentalidade e a forma como congrega a representação da família real manuelina tornam-na uma peça única no panorama nacional. É também um símbolo do período dos Descobrimentos, refletindo as ambições políticas e espirituais de Portugal e materializando os contactos culturais e comerciais entre o reino e a Flandres. O enigma da sua autoria e a aura de mistério que a envolveu durante séculos reforçam o fascínio que continua a exercer sobre o público e os investigadores.

6 - Assim, pelo seu excecional valor histórico, artístico, simbólico e material, bem como pela sua singularidade e relevância para a identidade cultural portuguesa, o *Fons Vitae* cumpre todos os critérios para a sua classificação como Tesouro Nacional. Reconhecê-lo formalmente como tal representa não apenas a valorização de uma obra-prima da arte europeia em Portugal, mas também a garantia da sua proteção e preservação para as gerações futuras.

9. FUNDAMENTAÇÃO DA CLASSIFICAÇÃO

Conforme exposto nas páginas precedentes, a pintura *Fons Vitae*, atribuída a Coljin de Coter, integrada no acervo do Museu e Igreja da Misericórdia do Porto, é um bem móvel singular enquanto documento de uma das épocas mais cosmopolitas e com maior projeção internacional de Portugal, no seu relacionamento com a Flandres. O comprovado interesse cultural deste painel advém de diferentes características que se lhe reconhecem.

Em termos plásticos, a pintura constitui um importante exemplar artístico de um período particularmente relevante da arte europeia, em que a produção dos centros artísticos setentrionais, com realce para Antuérpia e Bruxelas, conheceu uma evolução significativa, em particular no que concerne à produção pictórica, quer na inovação formal, quer no desenvolvimento dos modelos iconográficos, quer na qualificação profissional dos pintores, quer no número de oficinas ativas, quer ainda na aceitação de encomendas específicas de instituições e clientes particulares de outras regiões da Europa, com realce para o Reino de Portugal.

Da análise do exemplar apresentado no ponto anterior desta informação, conclui-se que a pintura *Fons Vitae* da Santa Casa da Misericórdia do Porto representa, com excecional acuidade plástica, o culminar de um paradigma iconográfico que triunfou, na Flandres, na transição do século XV para o XVI, e de que esta obra é, indubitavelmente, uma das mais notáveis expressões, à escala internacional.

A atribuição a Coljin de Coter, embora não esteja documentalmente comprovada, encontra-se fundamentada em paralelos dignos de nota e integra parte da bibliografia de referência sobre o mestre e as escolas de Antuérpia e Bruxelas, epicentros do seu labor profissional.

Assim, considerando os diferentes aspectos referidos nesta informação, de acordo com o disposto no artigo 16.º do Decreto-Lei n.º 184/2015, de 4 de agosto, e atendendo aos dados enunciados quer na proposta inicial da Santa Casa da Misericórdia do Porto, quer no parecer que aqui se apresenta, o verifica-se nos seguintes domínios:

- a) Artístico;
- d) Documental;
- f) Histórico;
- k) Técnico.

Comprovadamente, o interesse cultural da pintura *Fons Vitae*, atribuída a Coljin de Coter, demonstra valores que justificam a sua classificação como bem móvel de interesse nacional, designado Tesouro Nacional, nomeadamente os de memória, de antiguidade, de autenticidade, de criatividade e de singularidade por ser um painel de grande qualidade técnica, constituindo um bem móvel representativo de uma época cimeira da pintura europeia. Além destes valores, a peça tornou-se uma marca de identidade da Santa Casa da Misericórdia do Porto e, de certa forma, também desta cidade.

Ainda de acordo com os critérios que constam na alínea 3 do referido artigo 16.º, destacam-se:

- a) O carácter matricial do bem, patente na sua raridade da peça, estando associado à história de uma das primeiras e mais importantes irmandades da Santa Casa da Misericórdia;
- b) A completude e a inovação que este bem revela, enquanto obra pictórica, do ponto de vista plástico e iconográfico;

- c) O interesse do bem enquanto testemunho notável de vivências históricas, verificado não apenas na encomenda qualificada que esteve na sua origem, mas também no facto de ter estado presente na génese do Museu da Misericórdia do Porto;
- d) O superlativo valor estético, técnico e material intrínseco do bem, que se evidencia na qualidade do desenho formal, na minúcia aplicada aos diferentes pormenores da composição e na conjugação da paleta cromática;
- e) O interesse do bem enquanto testemunho religioso e simbólico, uma vez que, além de ser um diserto exemplo da espiritualidade da *Devotio Moderna*, apresenta um programa iconográfico que integra pormenores diferenciadores, com influência no posterior desenvolvimento da mesma temática, à escala nacional e, até, internacional.

10. PROPOSTA DE DECISÃO

Assim, nos termos do disposto no artigo 15.º, n.º 4, da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e no artigo 3.º, n.º 2, da alínea *a*), do Decreto-lei n.º 148/2015, de 4 de agosto, propõe-se a classificação do bem como móvel de interesse nacional, designado Tesouro Nacional, da pintura *Fons Vitae*, atribuída a Coljin de Coter, integrada no acervo do Museu e Igreja da Misericórdia do Porto e pertencente à Santa Casa da Misericórdia da mesma cidade.

À consideração superior.



José António Falcão
(Técnico Superior)

